

O OLHAR DO INFANTE NAS NARRATIVAS *AS MULHERES DE TIJUCOPAPO*, DE MARILENE FELINTO, E *LA LENGUA DE LAS MARIPOSAS*, DE MANUEL RIVAS

Christiane Aparecida Durães Oliveira Luna (Unimontes)¹

Resumo: Esta pesquisa volta-se para o estudo da criança no que tange sua perceptividade através do olhar e a operação deste sentido nas representações simbólico-afetivas. Tal perspectiva visa à desconstrução do mito do infante ingênuo, cujo discurso é marcado pela inocência, incapacidade e fantasia. Assim, busca-se no olhar do garoto Moncho do conto *La lengua de las mariposas*, e no da Rísia/menina da obra *As mulheres de Tijucoapapo* a representatividade dessa ação que não apenas captura o que enxerga, mas que através da percepção participa da formação de conceitos e significados. O aporte teórico que fundamentou este estudo está sob a ótica de Philippe Ariès, Aristóteles, Lacan, Sartre, Piaget, dentre outros.

Palavras-chave: Criança; Infância; Olhar.

Abstract: This research focuses on the study of the child concerning its perceptivity through the look and the operation of this sense in the symbolic-affective representations. Such perspective aims to deconstruct the myth of the naive infant, whose speech is marked by innocence, incapacity and fantasy. Thus, the representativeness of the look, which not only captures what it is seen, but also participates in the formation of concepts and meanings through perception, is searched in the boy Moncho of the tale *La lengua de las mariposas*, and in the girl Rísia in *As mulheres de Tijucoapapo*. This study was based on the theoretical contributions of Philippe Ariès, Aristotle, Lacan, Sartre, Piaget, among others.

Keywords: Child; Childhood; Look.

Introdução

Piaget (1946) observa que o ser infantil, como indivíduo recortado pela sociedade e cultura, é constituído no período do nascimento até a puberdade, referindo-se, portanto, a um viés etário. Essa fase de puerícia denota um ser em construção, de imaturidade, e dotado de certa incompletude, em que sobrepuja a fantasia, a imaginação e a inocência. No entanto, a moldura da infância em que a criança se constrói não constitui uma noção atemporal, mas um constructo das sociedades e do tempo. Philippe Ariès (1981) constata que, no curso da história, o infante ocupou posições diferentes ante as expectativas da família e também da sociedade.

Ainda de acordo com Ariès (1981, p.156), na sociedade medieval o sentimento de infância não existia, “[...] a consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem”. Assim, logo que a

¹Mestranda PPGL/Estudos Literários / Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. Contato: cris.boc@bol.com.br

criança ganhava certa independência em relação à mãe, ela era inserida no mundo dos adultos, como se fosse um adulto em miniatura.

Com o passar do tempo, a noção de infância começa a aparecer e os mecanismos de ensino são um dos responsáveis por esse processo. Ariès (1981, p.162) comenta que “[...] é entre os moralistas e os educadores do século XVII que vemos formar-se outro sentimento da infância”, ou seja, “o apego à infância e à sua particularidade se exprimia [...] por meio do interesse psicológico e da preocupação moral” e, assim, a criança passa a ser moldada sob a ótica da disciplina. E nesse contexto, ao dar início ao conhecimento das especificidades do corpo infantil, percebe-se a necessidade de conhecê-la melhor para melhor adequá-la aos costumes. Dessa forma, os estabelecimentos de ensino tornam-se meios fundamentais de formação intelectual e moral por meio de uma disciplina austera. O objetivo maior é, segundo Ariès, “[...] fazer dessas crianças pessoas honradas e probas e homens racionais” (1981, p.163). E o caráter polimorfo, inerente ao ser humano, respaldará essa perspectiva. Entretanto, a grande preocupação moral acaba acarretando a ideia da inocência da criança a fim de “protegê-la”. Para apresentar o novo lugar que o infante passa a ocupar na família, Ariès declara:

Tudo o que se referia às crianças e à família tornara-se um assunto sério e digno de atenção. Não apenas o futuro da criança, mas também sua simples presença e existência eram dignas de preocupação – a criança havia assumido um lugar central dentro da família. (ARIÈS, 1981, p.164).

A ingenuidade impressa no folclore infantil rotula a criança, afastando-a de seus discursos ficcionais, comprometendo, assim, o seu testemunho, na perspectiva do adulto. Desse modo, a infância que emoldura esse recorte etário abarca uma alegoria que desenha simbolicamente o mundo particularizado em que o infante se insere.

Na narrativa *As mulheres de Tijucofapo* (2004) de Marilene Felinto, a protagonista Rísia/mulher, ao trazer à tona as imagens simbólico-afetivas de sua vida de menina, redesenha essa perspectiva onde se assenta o significado de infância ao vomitar suas observações empíricas de infante. “Tudo aconteceu mesmo nesse tempo de menina.” (FELINTO, 2004, p.97). Por sua vez, o personagem principal Moncho, do conto *La lengua de las mariposas* que integra a obra *¿Qué me quieres, Amor?* (2000) de Manuel Rivas, um ser infantil de seis anos de idade, dividindo suas descobertas pueris entre o entorno escolar e o seio familiar, no contexto da guerra civil espanhola, apreende

através do olhar, compreende e se posiciona num gesto de enfrentamento emocional, em que ignora a fantasia e sentimentos para salvar a família e, quiçá, a si mesmo.

Ambos os personagens, Rísia e Moncho, seres infantis que trazem o estigma de incompletude pela simples condição de crianças, comportam-se como se já fossem dotados de compreensão, tal qual uma pessoa adulta, cuja maturidade espelha a experiência de sua vivência.

Desenvolvimento

O surgimento da literatura comparada, pelo viés multidisciplinar que a configura, dinamizou a literatura universal, visto que a literatura comparada não se restringe a uma simples comparação, mas a um diálogo entre culturas, representações e ideias que as obras apresentam. Em virtude dessa aproximação, propõe-se esta pesquisa voltada para os estudos comparativos entre a obra *As Mulheres de Tijucoapo* (2004), da escritora brasileira Marilene Felinto, e o conto *La lengua de las mariposas* (2000), do escritor espanhol Manuel Rivas.

A obra *¿Qué me quieres, Amor?*, de Manuel Rivas, cujo conto *La lengua de las mariposas* é um dos objetos de análise deste trabalho, foi publicada em 1995 e traz o personagem Moncho, uma criança de seis anos de idade que na iminência da guerra civil espanhola, torna-se amigo do professor Dom Gregório que numa situação de necessidade o trai, corroborando a ideia da criança que tudo percebe.

Al regreso, cantábamos por los caminos como dos viejos compañeros. Los lunes, en la escuela, el maestro decía: “Y ahora vamos a hablar delos bichos de Pardal.” Para mis padres, estas atenciones del maestro eran un honor. Aquellos días de excursión, mi madre preparaba la merienda para los dos.²(RIVAS, 2000, p.33).

É inegável a amizade estabelecida entre D. Gregório e o menino Moncho, a quem ele denomina Pardal, sendo a família também envolvida nesta relação íntima. “[...] mi

² “Ao regressar, cantávamos pelos caminhos como dois velhos companheiros. Nas segundas-feiras, na escola, o professor dizia: “E agora falaremos dos bichos de Pardal”. Para meus pais, estas atenções do professor eram uma honra. Aqueles dias de excursão, minha mãe preparava a merenda para os dois.”(Tradução nossa).

padre le dijo que, si no tenía inconveniente, le gustaría tomarle las medidas para un traje.³”(RIVAS, 2000, p.34).

Marilene Felinto, ao autobiografar-se no romance *As mulheres de Tijucopapo*, apresenta Rísia/mulher, que enquanto criança imprimiu na alma todas as castrações da infância pela operação do olhar e da dor. “[...] sou uma pessoa atacada por lembranças atormentadoras.” (FELINTO, 2004, p.50). E num retorno à sua terra natal, Tijucopapo, revisita esse passado que é feito de raiva, ódio e rancor. “Tudo aconteceu mesmo nesse tempo de menina. O resto, a vida, é redundância.[...] Não vou desrespeitar nunca a menina que existe dentro de mim.” (FELINTO, 2004, p.97-98).

A instância do olhar, promovida pela visão, engloba primeiramente um gesto, seguido de observação, apreensão e significação. Assim, Lacan (1998) pontua que olho e olhar se diferem entre si. Enquanto aquele se traduz por um órgão, o olhar se apresenta como uma função que tem relação fundamental com o dado-a-ver.

O personagem Moncho, fabulação de Rivas, não hesitou em lançar pedras no amigo professor – já a caminho do fuzilamento pelas forças de Franco – a fim de salvar a própria família. As cenas envolvendo amigos do pai e os soldados com destino ao assassinato imprimiram no garotinho o medo da ameaça de ser vítima também, e a reação foi trair o professor que lhe havia ensinado muitos dos valores em questionamento naquele contexto. “Porque perceber é olhar [...] olhar que os olhos manifestam, não importa sua natureza, é pura remissão de mim mesmo.” (SARTRE, 2013, p.345).

Em sua tese de doutorado *Dimensões da vergonha no avesso da psicanálise*: uma contraexperiência política do sujeito, Sérgio Eduardo Lima Prudente (2015, p. 97) explicita esse olhar que Sartre postula: “Ao falar de olhar, Sartre não se refere ao órgão, ou seja, o olhar não é o olho. Ele apresenta um caráter incorpóreo, opondo-se ao corpo sem deixar de tê-lo como suporte necessário. Olhar e olho são partes contidas no corpo.”

Un guardia entreabrió la puerta y recorrió el gentío con la mirada. Luego abrió todo e hizo un gesto con el brazo. De la boca oscura del edificio, escoltados por otros guardias, salieron los detenidos. Iban atados de pies y manos, en silente cordada. De algunos no sabía el nombre, pero conocía todos aquellos rostros. El alcalde, los de los

³ “[...] meu pai lhe disse que se não tivesse inconveniente, gostaria de tomar-lhe as medidas para um terno.” (Tradução nossa).

sindicatos, el bibliotecario del ateneo, [...] Y al final de la cordada, chepudo y feo como un sapo, el maestro.⁴ (RIVAS, 2000, p.37-38).

Ao perceber o que começava a se passar naquela comunidade, já sob o domínio do flanco de direita, cuja bandeira representava ideias opostas ao pensamento de seu pai e, sobretudo, do amigo professor, Moncho não hesitou em se posicionar.

Na narrativa *As mulheres de Tijucoapapo*, Rísia/mulher, ao lançar seu meta-olhar para reviver as suas experiências de amargura enquanto infante revisita também a sua subjetividade naquele contexto: “pois eu via tudo demais” (FELINTO, 2004, p.46). Nessa dialética do olhar, Rísia/menina promove a construção de significados que ela já compreende e que cicatrizará na Rísia/mulher que rememora:

Mamãe usou um vestido vermelho de linho, tubinho que ficou roto nessa gravidez. Lá estava mamãe de vestido vermelho batendo as roupas no tanque [...]. Mamãe grávida era o meu suplício, os meus nove meses. Haveria uma guerra. Eu brincava pelo quintal à sombra daquele desgosto de mamãe, daquele fastio dela [...]. E aquele bucho tinha de tudo. [...] A vida no bucho dela. Só que Ismael nasceria morto. E quando a sombra vermelha de mamãe era demais para mim, pois eu via tudo demais, eu me montava numa daquelas árvores e passava horas à sombra dos galhos que não eram os de mamãe. Mamãe era galhos; roseira sem flor, seca, esturricada. (FELINTO, 2004, p.31).

Tanto Rísia quanto Moncho, pelo prisma da interiorização do olhar, perpassam as noções de infância carregada de fantasia e ingenuidade. “O incorporal do olhar apresenta uma estrutura especular, como nos espelhos, cuja invisibilidade não está na transparência, mas na propriedade de reflexão de mundo.”(PRUDENTE, 2015, p.98). A reflexão do olhar e do meta-olhar de Rísia menina e adulta, simbioticamente, não configura status de exceção na moldura da infância enquanto estatuto teórico e construção social. Do mesmo modo, o menino Moncho apreende o mundo à sua volta numa ênfase flagrante que dicotomiza os seus instintos pueris, deflagrando a desconstrução do mito da ingenuidade infantil.

⁴“Um guarda entreabriu a porta e percorreu a multidão com o olhar. Logo abriu tudo e fez um gesto com o braço. Da boca escura do edifício, escoltados por outros guardas saíram os detidos. Iam atados de pés e mãos, em silencioso grupo. De alguns não se sabia o nome, mas conhecia todos aqueles rostos. O prefeito, os dos sindicatos, o bibliotecário da academia, [...] E ao final do grupo, corcunda e feio como um sapo, o professor.” (Tradução nossa).

Cuando los camiones arrancaron, cargados de presos, yo fui uno de los niños que corrieron detrás, tirando piedras. Buscaba con desesperación el rostro del maestro para llamarle traidor y criminal. Pero el convoy era ya una nube de polvo a lo lejos y yo, en el medio de la Alameda, con los puños cerrados, sólo fui capaz de murmurar con rabia: “ ¡Sapo! ¡Tilonorrinco! ¡Iris!”⁵ (RIVAS, 2000, p.39).

Na obra *Metafísica* (2002), Aristóteles afirma que até mesmo quando não nos propomos a nenhuma ação, preferimos a visão a todos os outros sentidos:

Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer: uma prova disso é o prazer das sensações, pois, fora até da sua utilidade, elas nos agradam por si mesmas e, mais do que todas as outras, as visuais. Com efeito, não só para agir, mas até quando não nos propomos operar coisa alguma, preferimos, por assim dizer, a vista ao demais. A razão é que ela é, de todos os sentidos, o que melhor nos faz conhecer as coisas e mais diferença nos descobre. (ARISTÓTELES, 2002, p.11).

O conto *La lengua de las mariposas* e a obra *As mulheres de Tijucoapapo*, rebordam a infância, numa interface de incompletude e autonomia, sugerindo o repensar acerca da puerilidade. Pois, como a própria protagonista Rísia declara, o enfrentamento emocional como desdobramento do seu envolvimento no mundo dos adultos incatiza seu ódio e rancor:

Me disseram que eu vivo é em guerra, em pé de guerra. E vivo mesmo, e acrescento que vivo em batalha, em bombardeio, em choque. E só vou conseguir sossegar quando matar um. É que quando eu era pequena alimentei durante todo o tempo a ideia de matar meu pai. Não matei. Não o matarei mais. Mas ficou a vontade, essa de matar um. (FELINTO, 2004, p.24).

Assim, ambas as narrativas, através de suas protagonistas, dialogicamente, propõem um novo olhar sobre o ser infantil no que concerne aos seus discursos aparentemente ficcionais, corroborando a proposição da criança que tudo percebe.

A fim de tecer uma discussão com propriedade sobre o escopo deste trabalho, buscou-se, primeiramente, adentrar a trajetória da construção da noção de infância, respaldando-se na fortuna crítica de Philippe Ariès. Sobre a dinâmica do olhar bebeu-se

⁵“Quando os caminhões arrancaram carregados de presos, eu fui um dos meninos que correram atrás atirando pedras. Buscava com desespero o rosto do professor para chamá-lo de traidor e criminoso. Mas o comboio era já uma nuvem de pó ao longe e eu, no meio da Alameda, com os punhos fechados, só fui capaz de murmurar com raiva “Sapo! Tilonorrinco! Iris!” (Tradução nossa).

da psicanálise em Jean-Paul Sartre, Lacan, Piaget e Prudente, além das contribuições da filosofia de Aristóteles. Ademais, valeu-se da poética de Manuel Rivas, no conto *La lengua de las mariposas* e das memórias de Marilene Felinto na obra *As mulheres de Tijucopapo*, além de outras contribuições críticas.

O olhar como operador da dinâmica entre a subjetividade e o dado-a-ver para os quais a criança se direciona é incorpóreo e, assim, não se restringe aos limites da idade, participando, dessa forma, da denúncia do mundo exterior e a deflagração do mundo íntimo daquela. Portanto, tanto a Rísia/menina, de *As mulheres de Tijucopapo*, quanto o menino Moncho, de *La lengua de las mariposas*, através da interiorização do que espreitam, não apenas traduzem conceitos, mas possibilitam sentidos para sua experiência empírica numa ênfase flagrante.

Referências

ARIÈS, Pilippe. *História social da infância e da família*. Trad. D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1981.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. 2.ed. Trad. portuguesa Marcelo Perine. São Paulo. Edições Loyola, 2002.3 v.

FELINTO, Marilene. *As Mulheres de Tijucopapo*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LACAN, J. Do Trieb de Freud e do desejo do psicanalista. In LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança*. Trad. Á. Cabral. Rio de Janeiro: LTC. (Trabalho original publicado em 1946).

PRUDENTE, Sérgio Eduardo Lima. *Dimensões da vergonha no avesso da psicanálise: uma contraexperiência política do sujeito*. São Paulo, 2015. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/17115/1/Sergio%20Eduardo%20Lima%20Prudente.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

RIVAS, Manuel. *¿Qué me quieres, amor?* Madrid: Suma de Letras, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada*: ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2013.